



A CO-CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA NA ESCRITA

Autoria: Rafaela Gonçalves - - -

Resumo: Quando falamos, temos uma necessidade, um motivo, um alguém ou algo a que nos dirigir, o que o linguista Émile Benveniste chama de riqueza “contextual”. Ao escrever, desprende-se dessa condição e é preciso sair de circunstâncias específicas que exigem a fala. Assim, visualizamos como as relações na escrita são tão ou mais acirradas que na fala, e como a correferência entre escrito e lido depende da relação entre os participantes do processo: o que lê, o que está escrito – além, é claro, do que escreve. No campo da escrita, interessa-nos em particular os textos escritos em Língua Portuguesa do gênero escolar dissertativo-argumentativo estilo Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM. A escolha do corpus está balizada na busca de se re(pensar) a constante aquisição da escrita. Buscaremos explicitar e compreender considerações teórico-analíticas focadas nas questões concernentes aos problemas de correferenciação, em especial resignificaremos, a partir das teorizações de Émile Benveniste, o conceito de coesão referencial, a fim de trabalhar sua implicação na argumentação em textos escritos em Língua Portuguesa no espaço escolar. Como esses aspectos relacionam-se na construção do sentido e no processo de leitura do texto também são pontos a serem abordados. Desses aspectos retiramos, por ora, o objetivo de compreender como se dão os equívocos de referência em textos escritos em Língua Portuguesa e quais as suas implicações na argumentação, buscando assim refletir sobre o sistema de troca e correferência da Língua enquanto sistema. Será preciso retomar e explicitar vários pontos das teorias de Émile Benveniste, tais como as noções de troca, referência, significação, texto etc. Além de uma possível (re)elaboração do que seria o argumentar nessas terias, já que Benveniste não faz tal definição em seus escritos de modo direto. Para o método, basear-nos-emos nos pressupostos Benvenistianos de níveis de análise linguística.